

A imagem de Deus no texto *Moisés e o monoteísmo*

*The image of God in the text
Moses and monotheism*

André Pereira¹

Resumo: Esse artigo propõe analisar como Freud descreve a imagem de Deus em seu texto “Moisés e o Monoteísmo”. O Pai da Psicanálise admite ter tido fortes influências do antissemitismo que estava petrificado na sociedade alemã da época. A relação com o seu pai o afetou profundamente, e suas descrições a respeito de Deus conferem, em certo sentido, com a imagem que o psicanalista tinha do pai. Esse texto tentará verificar tal premissa a partir daquilo que Freud pensa sobre a religião monoteísta e o Mito em que se baseia o judaísmo, fazendo, portanto, a construção de Deus e a influência desse pensamento para a sua relação paterna.

Palavras Chave: Deus, Monoteísmo. Horda Primeva, Mito.

Abstract: This article proposes to analyze how Freud describes the image of God in his text "Moses and Monotheism". The Father of Psychoanalysis admits to having had strong influences of the anti-Semitism that was petrified in the German society of the time. The relationship with his father affected him deeply, and his descriptions of God confer, in a sense, on the psychoanalyst's image of his father. This text will try to verify this pre-eminence from what Freud thinks about the monotheistic religion and the Myth on which Judaism is based, thus making the construction of God and the influence of that thought on his paternal relation.

Key words: God, Monotheism. Primeval Horde, Myth.

Artigo recebido em: 29 nov. 2015
Aprovado em: 28 nov. 2018

¹ Graduado em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória, Licenciando em História pela UNESA, Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória e Pós Graduado em Ética e Filosofia Política pela Unyleya.

Introdução

Será apresentada, primeiramente, uma pequena biografia sobre Freud e, em seguida, uma discussão do personagem Moisés e suas origens. Além das narrativas que giram em torno de Moisés para os estudos do monoteísmo judaico, priorizando as primeiras páginas do livro “Moisés e o Monoteísmo”.

1. Quem foi Freud?

Sigmund Freud, esse era o seu nome. Psicanalista do século XIX, que atribuiu toda a sua existência à construção da Psicanálise, tendo, por isso, sido considerado o pai da Psicanálise. Freud supera em seu contexto as demandas empregadas pela Modernidade, trazendo à tona elementos de seu método (psicanalítico) que ajudariam a responder às questões presentes.

Este grande psicanalista nasceu no ano de 1856 na pequena vila moravia de Freiberg². Freud, vindo de uma família judia, filho de Jacob Freud e sua mulher, Amália Freud, com um ano de idade foi circuncidado em cumprimento do pacto judaico³. Em 1859 os Freud saíram de Freiberg, de uma casa simples de dois andares, em cima dos aposentos do dono⁴ e foram morar em Leipzig e, no ano seguinte, transferiram-se para Viena: "Sigmund Freud foi o quarto filho homem e a quinta das doze crianças da prole de Jakob Freud"⁵. Sigmund, mediante a pobreza em que vivia sua família, teve sua pior fase em Viena, e, de acordo com o pensamento de Gay: "A lembrança da pobreza devia ter sido dolorosa para Freud"⁶, e ainda experimentou os conflitos existentes em sua família, a morte do seu irmão mais novo com sete meses de idade e o ódio que sentia pelo tio. Um dos seus irmãos (por parte de pai) foi preso e tudo isso colaborou para as pesquisas de Freud, onde inicia toda a estrutura psíquica e sexual, a infância, pois: "os sentimentos equívocos de Freud em relação ao pai estavam muito mais próximos da superfície. Prova disso, é outra de suas lembranças

² GAY, Peter. *Freud um Vida Para o Nosso Tempo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das letras, 1989, p. 22.

³ GAY, 1989, p. 22.

⁴ GAY, 1989, p. 25.

⁵ RIZZUTO. Ana Maria. *Por Que Freud Rejeitou Deus? Uma interpretação psicodinâmica*. Trad. Luciana Pudenzi, São Paulo. Ed Loyola, 2001, p. 39.

⁶ GAY, 1989, p. 25.

fundamentais da infância⁷.

Freud, desde a mais tenra infância, tinha tendências tais como olhares e ideias que colaborariam para a sua futura profissão. Em 1866, "quando era um escolar de 10 anos, já havia demonstrado, energicamente, inclinações humanitárias, implorando aos professores que organizassem uma campanha para enviar ataduras às tropas austríacas feridas na guerra contra a Prússia"⁸. Dez anos após esse episódio Freud já estava cursando Medicina. Foi uma decisão importante para que, em breve, fosse considerado um dos maiores intelectuais de sua época.

Em meio à sua formação, como pesquisador da área médica, ele conhece Brucke – ao retornar da viagem para visitar seus irmãos. No círculo de amigos de Brucke, Freud conhece Breuer : "...cuja participação na Psicanálise seria decisiva"⁹. Esse personagem, Josef Breuer, foi um neurologista relevante para os estudos de Freud, profissional experiente, culto e que Freud tinha uma relação de amizade e credibilidade:

Durante seis anos (entre 1876 e 1882) ele trabalhou no laboratório desse neurologista, resolvendo os problemas que o adorado professor lhe colocava [...] Decifrando o quebra-cabeça do sistema nervoso, inicialmente de modestos peixes e, a seguir, de seres humanos, preenchendo as exigências e expectativas do rigoroso professor [...].¹⁰

Algumas características são perceptíveis na personalidade de Breuer, exigente e rigoroso, mesmo assim Freud o admirava e, não foi a toa que, em 1892, com a morte de, Breuer, Freud declara, a si mesmo como "a maior autoridade que agiu sobre mim".¹¹

Breuer deixa relevante marca na vida de Freud, praticavam suas pesquisas juntos no campo da Fisiologia. Além de Freud ter observado Breuer também nos casos de Hipnose, tendo iniciado essa prática junto a neurologista. "É a partir de 1882 que Freud, encorajado pelos êxitos obtidos por esse colega vienense, passa a se interessar, por sua vez, pela sugestão e a hipnose no tratamento de doentes com sintomas atribuídos à histeria"¹². A primeira obra que surge, no começo da Psicanálise, "Estudos sobre a Histeria", é escrita

⁷ GAY, 1989, p. 28.

⁸ GAY, 1989, p. 41.

⁹ GAY, 1989, p. 46-47.

¹⁰ GAY, 1989, p. 47.

¹¹ GAY, 1989, p. 47.

¹² QUINODOZ, Michel Jean. *Ler Freud. Guia de leitura da obra de S.Freud*. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed. 2007, p. 16.

por Freud e Breuer; apresentando os avanços obtidos nos pacientes que demonstravam ter os sintomas histéricos:

Freud levou muitos anos para convencer Breuer a reunir em uma obra comum as observações clínicas que tinham feito desde 1881, assim como suas respectivas hipóteses. Iniciaram a publicação das conclusões provisórias sobre os resultados do método Cartático em "Comunicação Preliminar, no ano de 1893, e que foi republicada em 1895; em estudos sobre histeria, a qual se constituiu no seu primeiro capítulo"¹³. Entre 1885 e 1886 Freud decidiu:

[...] fazer um estágio com Charcot em Paris[...] e depois com Bernheim em Nancy, em 1889. Durante alguns meses, seguiu os ensinamentos de Charcot, que se ilustrara tentando resolver o problema que a histeria colocava para a medicina. Abandonando as teses da Antiguidade e da Idade Média; que atribuíam a histeria a uma excitação de origem uterina ou à estimulação [...] Charcot procurava demonstrar que os distúrbios histéricos eram de natureza psíquica, e não orgânica, empregando a sugestão hipnótica para reproduzir os sintomas histéricos e fazê-los desaparecer.¹⁴

A partir das discussões de Freud sobre a origem da histeria, ele leva à frente os estudos com pacientes histéricos. Um dos famosos casos de pacientes com histeria foi o caso de Anna O. E, em 1896, depois da morte do seu pai, Freud segue em frente com suas pesquisas; período em que empreendeu a própria psicanálise na fase chamada de auto-análise, que é "a análise dos seus próprios sonhos"; onde levou-o à descoberta da importância do sono para a psique.

Freud correspondeu-se também com o P. Fliess e estas correspondências despertaram um diálogo e o interesse, por parte do psicanalista, para redigir um livro, no formato de várias cartas, por volta dos anos de 1887 a 1904, assim, surgiu um livro chamado "O Nascimento da Psicanálise", em 1950. A síntese desse livro está alguns anos antes, em 1905, no livro *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*.¹⁵

¹³ QUINODOZ, 2007, p. 21.

¹⁴ QUINODOZ, 2007, p. 21.

¹⁵ BREUER & FREUD. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Em J. Strachey (org. e trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (Vol. 7, pp. 128-229). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1905). Disponível em:<

Em 1923 Freud formula "O Ego e o Id" (o consciente e o inconsciente), o qual aplica, ao plano da fantasia, a noção de bissexualidade psíquica, que tomara emprestado de Fliess"¹⁶. Percebe-se que estes são alguns dos livros mais importantes, onde ele fundamenta as teorias psicanalíticas e a própria psicanálise, que se desenvolve para, mais tarde, se tornar, para muitos, uma ciência humana. Dentre essas obras e outras, há uma que merece toda atenção e crítica por parte dessa pesquisa, que é "O Homem Moisés e a Religião Monoteísta". Escrita no final de sua vida, "pouco depois da sua instalação em Londres"¹⁷. Segundo Ferrari:

Neste livro, que ele qualificou de "romance histórico", Moisés é um alto dignatário egípcio, adepto do monoteísmo fundado no século XIV a.C. pelo faraó Akhenaton. Quando este deixou de existir, Moisés permaneceu fiel à sua fé e a impôs às tribos reduzidas à escravidão, conduzindo-as assim para fora do Egito. No entanto, o povo escolhido por ele era incapaz de compreender seu pensamento e, durante uma revolta, Moisés foi assassinado. Este "parricídio" foi esquecido e recalado, mas a culpabilidade inconsciente experimentada pelos judeus levou-os a idealizar a figura de Moisés e a conferir à sua lei um caráter imprescritível."¹⁸

Depois de um longo tempo de reflexão "se era oportuno divulgá-la em um momento em que os judeus eram perseguidos de forma atroz, Freud só conseguiu calar os escrúpulos após um longo diálogo com sua consciência. [...]"¹⁹. Em julho de 1938 ele finaliza a parte final do livro; sendo ela publicada pela Revista *Imago*, lançada, portanto, "em 1939 em Amsterdã, em alemão e nos Estados Unidos, em tradução inglesa"²⁰. Para Ferrari:

O ensaio, entretanto, filho bastardo, não trazia o nome

[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3099/1/2007_Tais Bleicher.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3099/1/2007_Tais_Bleicher.pdf)>. Acesso em: 23 out. 2016.

¹⁶ QUINODOZ, 2007, p. 33.

¹⁷ QUINODOZ, 2007, p. 288.

¹⁸ FERRARI, Ana Claudia (ed.) Moisés e o Monoteísmo. Trad. Alexandre Masella. *Viver mente&cérebro*, Coleção memória da psicanálise, 2003, p. 94.

¹⁹ FERRARI, 2003, p. 94.

²⁰ QUINODOZ, 2007, p. 288.

do seu autor, apesar da insistência do comitê da redação da revista *Imago*. Freud se recusou a assumir a autoria: “É apenas uma brincadeira [...]. Tenho vergonha do amadorismo deste ensaio [...]. E a conclusão é mais do que duvidosa”.²¹

Freud não assumiu a autoria do seu escrito e declara que a conclusão do mesmo é duvidosa, deixando, por assim dizer, uma porta entreaberta para a continuidade da reflexão sobre essa obra. Um ano após o lançamento deste ensaio, Freud falece no dia 23 de setembro de 1939, em Hampstead, Reino Unido.

2. O personagem Moisés e a sua origem

Em análise fundamental do seu livro *Moisés e o Monoteísmo*, Freud se ocupa do resgate da verdade histórica a respeito de Moisés, como o seu nome, sua história e sua família. O pai da Psicanálise tende a descrever Moisés como um personagem de alto padrão da Corte egípcia.

Ampliando extremamente os horizontes hermenêuticos, Freud chega a declarar que “Moisés era um egípcio – provavelmente um aristocrata – sobre quem a lenda foi inventada para transformá-lo num judeu. E esta seria a nossa conclusão”.²² Nesse conto fabuloso em que Freud descreve Moisés, diz que este tinha duas famílias, a aristocrata e a humilde. No Moisés de Freud existe, pelo menos, duas realidades: a realidade histórica e a realidade fictícia:

Retornemos às duas famílias do mito. No nível da interpretação analítica, elas são, como sabemos, idênticas, ao passo que no nível do mito são diferenciadas em uma família aristocrática e em outra humilde. Onde, porém, a figura a quem o mito é ligado é histórica, existe um terceiro nível: o da realidade. Uma das famílias é a real, na qual a pessoa em apreço (o grande homem) nasceu e cresceu realmente; a outra é fictícia, fabricada pelo mito, na perseguição de suas próprias intenções.²³

²¹ FERRARI, 2003, p. 76.

²² FREUD, Sigmund. *Moisés e o Monoteísmo*. Trad. Maria Aparecida Moraes Rego. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 15.

²³ FREUD, 1997, p. 15.

Tais realidades antagonicas existem para explicar o personagem Moisés e suas características. Freud *bebe de fontes* originárias, em que ele discute a origem de Moisés como herói do povo judeu, não descartando a sua história, mas revelando um lado ainda obscuro e misterioso da face de tal herói. Usando de explicações mitológicas e simbólicas do personagem a partir de um livro desse autor chamado "O Nascimento do Herói"²⁴:

Ele trata do fato de que "quase todas as nações civilizadas proeminentes começaram, em fase precoce, a glorificar seu heróis, príncipes e reis legendários, fundadores de religiões, dinastias, impérios ou cidades, em suma, seus heróis nacionais, numa série de contos e lendas poéticas."²⁵

Freud incorpora Moisés nessa narrativa. Todavia, Moisés, aqui, é filho de um rei nascido no Egito, também condenado a morte, entretanto salvo dela, ele segue a sua caminhada tendo uma super valorização pelo pai em sua infância. Essa supervalorização traz à tona os estudos de Freud dando o nome do fenômeno de romance familiar. A figura desse personagem, como se percebe, se enquadra no mito do herói:

O herói é alguém que teve a coragem de se rebelar contra o pai e, ao final sobrepujou-o vitoriosamente. Nosso mito faz essa luta remontar até a pré história do individuo, já que o representa nascendo contra a vontade do pai e salvo apesar das más intenções paternas.²⁶

O Moisés de Freud, como já mencionado anteriormente, passa por varias angústias e sofrimentos desde a sua infância, pois trava uma batalha, tanto com a pai; que não quis a sua vida, como com a morte que tentou tragá-lo em seu nascimento. Todavia, esses eventos fizeram dele um individuo que traçou a sua história em segmentos parecidos com outros mitos, obtendo, com isso, uma história própria com grande diferencial:

²⁴ Freud faz referencia a esse livro em sua formulação do próprio personagem Moisés, veja p. 11.

²⁵ FREUD, 1997, p. 12.

²⁶ FREUD, 1997, p. 13.

O desvio da lenda de Moisés em relação a todas as outras de sua espécie pode ser remontado a uma característica especial de sua história. Ao passo que normalmente um herói, no correr de sua vida, se eleva acima de seu começo humilde, a vida heroica do homem Moisés começou com ele descendo de sua posição elevada e baixando ao nível dos filhos de Israel.²⁷

A humildade de Moisés o tornou diferente dos demais mitos heroicos. Mais adiante, ele, como poder-se-á observar, funda o monoteísmo como alternativa dessa rebelião com as demais religiões egípcias. Pois, essa atitude heroica de Moisés requer comportamentos perigosos para com a sua própria existência.

Ele decide, portanto, seguir em frente e fazer do monoteísmo uma das principais religiões de seu antigo império. Um grande problema fundado em sua época que, mais tarde, desembocará em sua terrível morte pelo próprio povo judeu. Mas, ainda assim, a religião monoteísta fica cravada no povo judeu; como marca do seu heroísmo ou, como marca de culpa por ter matado o seu líder, Moisés.

Moisés, dessa maneira, é um conteúdo mítico e, ao mesmo tempo, histórico, de bravura e simbolismo. Primeiro, por ter sido o libertador do povo oprimido e, segundo, por representar novos segmentos com sua religião monoteísta que, adiante, causará caos, palavras estas lembradas por Freud em sua análise do Moisés:

Essa primeira dificuldade é seguida de imediatamente por outra. Não devemos esquecer que Moisés foi não apenas o líder político dos judeus estabelecidos no Egito, mas também seu legislador e educador, forçando-os a pôr-se a serviço de uma nova religião, que até o dia de hoje como a religião Mosaica.²⁸

Suas origens são debatidas até hoje, mitos são levantados para explicar como foi feita essa rebelião de Moisés para a libertação do povo de Israel, contudo, simultaneamente, não se deve negar que ele salvou o povo de Israel, sem ser israelita, e sim egípcio.

²⁷ FREUD, 1997, p. 15.

²⁸ FREUD, 1997, p. 19.

3. A Questão do Monoteísmo

A história contada por Freud sobre o monoteísmo deixa claro que a religião monoteísta não é a religião oficial do império egípcio. Segundo Freud: "[...] a religião que Moisés deu ao povo judeu era, mesmo assim, a sua própria, que era uma religião egípcia, embora não a religião egípcia."²⁹

A importância de saber da religião monoteísta no mundo egípcio é que ela veio de um faraó muito importante chamado Amenófis IV, que mais tarde muda o seu nome, implanta um reino onde o monoteísmo restrito prevalecia sob as demais religiões. Seu reinado durou 17 anos, em 1358 a.c, a religião do rei foi varrida e ele foi tido, por todos, como o "Rei Herético". Essas descrições foram feitas para resgatar o monoteísmo egípcio³⁰ que em seus estudos segue nessa linha de raciocínio com maior interesse e profundidade.

No entanto, o monoteísmo mosaico remonta uma estrutura antiga de um monoteísmo tardio, pois havia "tendências no sentido de desenvolver a ideia de um deus universal e da ordem e da justiça"³¹. Monoteísmo este que volta aos seus primórdios para tentar dar ao povo judeu um caráter religioso único e universal, numa tentativa de intolerância para com as demais religiões que já tinham nascido muito antes do monoteísmo, como parte de uma cultura judaica, egípcia e mesopotâmica de maior valor. Uma das definições dada por Freud sobre o monoteísmo é:

Um monoteísmo rígido em grande escala: há apenas um só Deus, ele é o único Deus, onipotente, inaproximável; seu aspecto é mais do que os olhos humanos podem tolerar, nenhuma imagem dele deve ser feita, mesmo seu nome não pode ser pronunciado.³²

Freud descreve esse deus monoteísta como uma figura repudiada pelo povo de Israel, pois seus traços são aparentemente reforçados por um deus cruel e impiedoso. E o "mediador entre Deus e o povo, na

²⁹ FREUD, 1997, p. 21.

³⁰ Citação de Freud em seu livro *Moisés e o monoteísmo* "o que se segue baseia-se principalmente nas descrições fornecidas por Breasted e nas seções pertinentes da *Cambridge Ancient History*, Vol. III". pag. 21.

³¹ FREUD, 1997, p. 21.

³² FREUD, 1997, p. 19.

fundação dessa religião, chamava-se Moisés"³³.

Sua análise, não muito distante da teologia, reflete a imagem de um deus onipresente, onipotente e onisciente que demanda aos seres humanos a darem culto a ele como forma de agradecimento e também de perdão. Sobre a sua imagem está um Deus-homem, figura masculina, que deve ter toda honra e poder acima de todos, ou seja, o monoteísmo rígido e de grande escala.

Outra característica da religião mosaica é a negação e a condenação de qualquer tipo de feitiçaria e magia, uma "dura proibição de fazer imagens de qualquer criatura viva ou imaginada"³⁴. Essa religião, nas palavras de Bernstein³⁵, "adota um novo, estrito, duro e exclusivo monoteísmo, com rigorosos padrões éticos"³⁶. E, foi um pouco de todo esse pensar que fez com que os judeus assassinassem Moisés.

4. A imagem de Deus apresentada no texto de Moisés e o monoteísmo

A imagem de Deus neste texto apresenta-se de forma mitológica e patológica, essa análise é fundamental aqueles que querem entender DEUS na perspectiva da Psicanálise Freudiana. O mito da horda primitiva e a origem do totemismo são discussões que transcendem a Moisés e ao monoteísmo, tendo suas bases no livro "Totem e Tabu".

4.1. O mito da Horda Primitiva e a Origem do Totemismo

Gay separa a estrutura do livro "Totem e Tabu" em três partes, a primeira, a mais curta delas, sobre o horror ao incesto, que abrange desde os melanésios e bantos até meninos na fase dipiana e mulheres neuróticas pertencentes à cultura de Freud.³⁷

O segundo ensaio: "explora teorias correntes da antropologia cultural e vincula o tabu e a ambivalência às ordens e

³³ FREUD, 1997, p. 32.

³⁴ FREUD, 1997, p. 20.

³⁵ Richard J. Bernstein é professor de filosofia na cadeira Vera List do curso de Pós graduação na New School for Social Research, N. York. Autor de Livro "Freud e o legado de Moisés"

³⁶ BERNSTEIN, J.B. *Freud e o legado de Moisés*. Trad. Laura Rumchinsky, Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 35.

³⁷ GAY, 1989, p. 305.

proibições obsessivas que Freud observara em seus pacientes"³⁸. O terceiro ensaio:

Examina a relação entre animismo, na época, geralmente, considerado como o precursor primitivo da religião, e pensamento mágico, e, a seguir, associa ambos à necessidade da crença infantil na onipotência dos pensamentos.³⁹

A proposta do livro "Totem e Tabu", segundo Yerushalmi, é analisar as questões psicológicas da religião e da moralidade. O que se torna relevante para análise deste capítulo, pois suscita a essa pesquisa a seguinte questão : [...] *qual é exatamente o elo entre Totem e Tabu e O Homem Moisés e a Religião Monoteísta?*⁴⁰

Em Totem e Tabu, especificamente no último capítulo, "O retorno do totemismo à Infância"⁴¹, Freud, a partir dos seus estudos de fobias com as crianças, tenta mostrar a origem do totemismo na sociedade primitiva. Os primitivos viviam e sobreviviam em pequenas hordas, sendo elas organizadas por um macho e por uma fêmea, algumas características do macho como poderoso, ciumento e violento o precediam, as fêmeas da horda pertenciam a ele. Os outros machos, por sua vez, ameaçavam seu poder, entretanto, esses outros machos, que queriam tomar o lugar do chefe, eram mortos ou excluídos do bando. Todos os filhos expulsos da horda uniram-se para derrotar o pai da horda primeva, "o violento pai primevo fora, sem dúvida, o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos"⁴². Depois de sua morte os irmãos, se juntaram devorando-o. Eram canibais.

Ocorre que o sentimento que brotara em seus filhos era, ao mesmo tempo, bom e mau: "Odiavam o pai, que representava um obstáculo tão formidável ao seu anseio de poder e aos desejos sexuais; mas amavam-no e admiravam-no também"⁴³. Os filhos, no entanto, compreendem que ninguém poderia habitar no lugar do pai e estabeleceram uma regra: "Anularam o ato proibindo a morte do totem, o substituto do pai [...]"⁴⁴. A partir de então dispõe-se a lei do incesto

³⁸ GAY, 1989, p. 305.

³⁹ GAY, 1989, p. 305.

⁴⁰ BERNSTEIN, 2000, p. 52.

⁴¹ Prefácio do livro *Totem e Tabu*.

⁴² FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1999, p. 168.

⁴³ FREUD, 1999, p. 147.

⁴⁴ FREUD, 1999, p. 147.

e, o lugar vazio do pai primevo, cria-se a cultura e, futuramente, as origens da religião. A refeição totêmica, que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e religiosas.

A religião, desse modo, para Freud, é a tentativa de se mostrar superior ao pai, tentando alcançar nos seus desejos a volta à infância:

O sistema totêmico foi, por assim dizer, um pacto com o pai, no qual este prometia-lhes tudo o que uma imaginação infantil pode esperar de um pai- proteção, cuidado e indulgência - enquanto que, por seu lado, comprometiam-se a respeitar-lhe a vida, isto é, não repetir o ato que causara a destruição do pai real.⁴⁵

Uma das teses de Freud sobre a religião totêmica se baseia no tabu referente ao animal, sendo ele sacrificado. Esse animal é comparado ao pai que foi morto. Mostrou-se, desse modo, esse animal "como um substituto natural e óbvio do pai"⁴⁶. Os sentimentos de culpa e remorso são o cerne da questão. Essa origem da religião tem relação com o Complexo de Édipo, em que o filho mata o pai para poder ter, para ele, a mãe.

Dessa maneira, os sentimentos de culpa e remorso perpassam por todas as religiões ou, nas palavras de Freud:

A religião totêmica surgiu do sentimento filial de culpa, num esforço para mitigar esse sentimento e apaziguar o pai, por uma obediência a ele que fora adiada. Todas as religiões posteriores são vistas como tentativas de solucionar o mesmo problema.⁴⁷

Essas nítidas características em cada religião é fruto do relacionamento do pai com o o filho, surgindo a partir daí a religião totêmica. Problemática que, claramente, percebe-se que a religião terá que equacionar, sendo os sentimentos de culpa e remorso que cada indivíduo possui. Por essa razão é que se pensa Deus como pai, ao ser retirada a culpa religiosa, a mesma passa a não ter mais o seu valor. E como é visto Deus? Segundo Freud:

Não há dúvida de que foi um poderoso protótipo

⁴⁵ FREUD, 1999, p. 148.

⁴⁶ FREUD, 1999, p. 148.

⁴⁷ FREUD, 1999, p. 149.

de um pai que, na pessoa de Moisés, se curvou até os pobres escravos judeus para lhes assegurar que eram seus filhos queridos. E não menos esmagador deve ter sido o efeito sobre eles da idéia de um Deus único, eterno e todo-poderoso.⁴⁸

Os traços da personalidade de Moisés estavam imanentes na sua concepção da imagem de Deus. A atitude permanente na religião monoteísta – de o único deus – fez com que o povo de Israel enxergasse ou tivesse uma visão de Deus à imagem de Moisés.

Ao mesmo tempo em que existiam os sacrifícios nos quais representavam a "santificação por meio da participação numa refeição comum", surgem também a ideia e o conceito de Deus. Segundo Freud, ele mostra o surgimento da Psicanálise como a ciência empírica para entendermos e meditarmos a respeito de Deus. Como ele mesmo havia dito: "Como veio o deus a colocar-se numa situação à qual era originalmente estranho?"⁴⁹. Na perspectiva de Freud:

A psicanálise dos seres humanos de per si, contudo, ensina-nos com insistência muito especial que o deus de cada um deles é formado à semelhança do pai, que a relação pessoal com Deus depende da relação com o pai carne e osso e oscila e se modifica de acordo com essa relação e que, no fundo, Deus nada mais é que um pai glorificado.⁵⁰

Dessa maneira, a imagem de deus tem como base a figura paternal. O paternalismo, se assim se pode falar, é um "elemento muito importante. Mas, nesse caso, o pai é representado duas vezes na situação do sacrifício primitivo"⁵¹. A primeira, como um ser Divino e, a segunda, como a "vítima animal totêmica".⁵²

No mito sabemos que "o deus muitas vezes se transforma em animal, com frequência no animal que lhe é consagrado"⁵³. Existe uma multiplicidade de relações entre deus e animal, essa e uma delas, ou vice-versa, onde o animal era tratado como um deus, sendo ele oferecido a sacrifícios místicos/espirituais. Embora dessa perspectiva

⁴⁸ FREUD, 1997, p. 96.

⁴⁹ FREUD, 1999, p. 150.

⁵⁰ FREUD, 1999, p. 151.

⁵¹ FREUD, 1999, p. 151.

⁵² FREUD, 1999, p. 151.

⁵³ FREUD, 1999, p. 151.

o pai, nesse caso, não perde o seu lugar, trazendo Freud à memória dele como o maior representante de deus sobre a imagem paterna :

Parece plausível supor que o próprio deus era o animal totêmico, e que deste se desenvolveu numa fase posterior do sentimento religioso. Mas somos liberados da necessidade de novos exames pela consideração de que o totem nada mais é que um representante do pai. Assim, embora o totem possa ser a primeira forma de representante paterno, o deus será uma forma posterior na qual o pai reconquistou sua aparência humana.⁵⁴

O pai é glorificado pela a imagem de deus, sendo adotado como um deus, a religião adora uma estrutura que se remete à saudade do pai.

Em Moisés e o Monoteísmo, Freud vai para além de Totem e Tabu, fazendo não mais uma busca da verdade material, mas, agora, da verdade imaginativa, suas intenções e interpretações de deus vêm à tona na mais distorcida das memórias, lembrando do pai primevo e do seu assassinato. Sua ligação com o anti-semitismo era recíproco, sendo que "a consciência de Freud do anti-semitismo [...]Está ligada, por exemplo, à sua primeira decepção com seu pai."⁵⁵

Percebe-se a angústia de Freud para com o pai, tendo a própria reflexão sobre deus em um patamar subjetivo. O pai, quando ele era pequeno, contava histórias anti-semitas, ao passo que na sua fase adulta preconceitos e provocações viriam a perturbar a vida e a história de Freud. Entretanto, não negando o seu lado judeu, ele se preocupava, de certa forma, com questões teológicas assim postas, para si, desde pequeno, trazendo essa relação num profundo debate da origem do judaísmo e o assassinato do líder monoteísta em seu texto, Moisés e o Monoteísmo. A pesquisa prossegue, percebendo as relações com o mito do herói e o romance familiar.

4.2. O Mito do Herói Moisés, Jesus e Édipo

Como já foi dito acima, o mito do herói é retirado da análise de Otto Rank por Freud. Rank mantinha contato com Freud durante o começo da Segunda Guerra Mundial, chamava-o de "amanuense de

⁵⁴ FREUD, 1999, p. 151.

⁵⁵ YERUSHA LMI. H.J. *O Moisés de Freud: Judaísmo Terminável e Interminável*. Ed. Imago.,1992, p. 70.

confiança"⁵⁶, desfrutavam de uma amizade recíproca. A partir do uso de seus argumentos, mais tarde, Freud lançou uma de suas obras mais emblemáticas e de grande relevo, o livro: "O Nascimento do Herói". A importância desse livro se dá, primeiramente, pela questão de:

Quase todos os povos civilizados importantes, como os babilônios, os egípcios, os israelitas, os hindus, os iranianos, os persas, os gregos, os romanos, os teutônicos, e outros, deixaram-nos tradições nas quais glorificavam desde cedo seus heróis, reis e príncipes lendários, fundadores de religiões[...] .⁵⁷

Para essa pesquisa é relevante destacarmos mitos no quais Freud usava em quase todo Moisés e o Monoteísmo, que vêm a ser o mito de Moisés, o mito de Édipo e o mito de Jesus. O Moisés que aqui se remete é o Moisés que surge nas narrativas de Êxodo; Capítulo 2.

A história do faraó precede a história de Moisés, "o faraó ordenou a seu povo que jogasse na água todos os filhos do sexo masculino dos hebreus que nascessem"⁵⁸. Os israelitas eram um povo fértil e seguia o mandamento de multiplicar sua descendência e sua nação. Em função disso, o faraó mandou matar os filhos homens e poupar as filhas mulheres. Então a história continua "[...] um homem da casa de Levi tomou por esposa uma filha de Levi"⁵⁹. A mulher fica grávida e dá a luz, sendo o bebê colocado num cesto e levado pelo rio. Essa criança, que logo foi vista à margem do rio por algumas crianças que brincavam no pátio, o levaram. Salva pela filha do faraó, ele é chamado de Moisés.

Esse mito é comparado com vários outros, como o de Abraão: "o relato do nascimento de Abraão, patriarca da nação hebraica, ocorre de modo semelhante ao de Moisés, o qual principia a história nacional dos judeus".⁶⁰

Segundo o autor "o Evangelho de Lucas (1:26-35) narra a anunciação do nascimento de Jesus. O anjo Gabriel se aproximou de Maria e diz-lhe que teria um filho e este seria chamado de Emanuel. Naquele mesmo instante o Espírito Santo desceria sobre ela completando, assim, a profecia que se encontra em Isaías. Daí os reis levaram presentes enquanto Jesus estava em uma manjedoura, o rei

⁵⁶ GAY, 1989, p. 325.

⁵⁷ OTTO, Rank. *O mito do nascimento do Herói*. Uma interpretação Psicológica dos mitos. São Paulo: Cienboo, 2015, p. 19.

⁵⁸ OTTO, 2015, p. 34.

⁵⁹ WINCKLER *Gesch* apud OTTO, Rank, 2015, p. 34.

⁶⁰ OTTO, 2015, p. 37

Herodes, tinha ido até lá para tentar matá-lo, porque a profecia dizia que ele era filho de Deus. Tais tradições religiosas, segundo Otto, "semelhantes ao nascimento de Jesus [...] é assim a história de Zoroastro[...]"⁶¹. O mito do nascimento de Jesus também é comparado, em uma das pesquisas recentes, com um rei, Amenófis III, mil anos antes do nascimento do Cristo.⁶²

Já Édipo, era filho do rei Laio e sua esposa, Jocasta, por um longo tempo não tiveram filhos, a história retrata que "o Oráculo lhe respondeu que teria o filho, se assim o desejasse, mas esse filho estava destinado a assassiná-lo"⁶³. Isso fez com que o rei tremesse diante da profecia, consequência disso? Foi não manter relação sexual com sua esposa. Quando Édipo descobre a profecia e que foi abandonado quando era criança, "acreditando que essa profecia se referia aos pais adotivos, Édipo foge de Corinto para Tebas; mas, sem saber, assassina seu pai, Laio, liberta a cidade [...]"⁶⁴. Lenda essa que Freud mais tarde vai traçar na Psicanálise (o Complexo de Édipo). Em seu livro a "Interpretação dos Sonhos", Freud fala sobre o seu rei Édipo

Seu destino nos comove exatamente porque poderia ter sido o nosso, porque o oráculo lançou-nos a mesma maldição, antes de nosso nascimento, que recaiu sobre ele. Talvez seja esse o destino de todos nós, o de sentir o primeiro impulso sexual em relação à mãe, e o primeiro ódio e o desejo de violência para com nosso pai[...].⁶⁵

Os mitos, quando comparados, entram num consenso, tendo pontos em comuns, "o herói descende da mais alta nobreza, geralmente é o filho de um rei"⁶⁶, consequentemente esse menino é "salvo por animais ou gente humilde"⁶⁷ e, em forma de um sonho ou oráculo é manifestada uma vontade soberanamente divina que "na maioria da vezes, adverte do perigo que o nascimento do menino causará ao pai".⁶⁸

Entretanto, somos advertidos quando pensamos que esse tipo

⁶¹ ROSCHER *apud* OTTO, 2015, p. 72.

⁶² OTTO, 2015, p. 72.

⁶³ OTTO, 2015, p. 41.

⁶⁴ OTTO, 2015, p. 41.

⁶⁵ FREUD, Sigmund. *A interpretação do Sonho*. Viena e Leipzig, 1900, p.180.

⁶⁶ OTTO, 2015, p. 87.

⁶⁷ OTTO, 2015, p. 87.

⁶⁸ OTTO, 2015, p. 87.

de mito só acontece na Antiguidade, representados pelos significados e simbolismo, sendo que "outras tradições, por meio do nome do herói, apontam, de um modo revelador, para o sentido do simbolismo do nascimento"⁶⁹. Como a cultura grega e em tradições posteriores.

Essa relação entre mito e romance familiar é muito comum na literatura dos antigos heróis. Otto Rank diz que: "Recordemos que o mito exprime, em toda a sua extensão, a tendência a livrar-se dos pais, e que o mesmo na fantasia da criança surge em uma época em que ela busca sua independência e autonomia."⁷⁰

A criança é o foco real para pensar sobre o romance familiar. O romance familiar constitui toda a estrutura literária dos romances antigos, no qual a criança vem em um tipo de berço sob as águas do rio, no entanto, "não com a intenção de matá-la [...] mas com a intenção de salva-la"⁷¹, como se "o eu da criança comportasse-se como o herói da lenda"⁷². Traçando um paralelo entre o mito e o romance familiar é notável que se aplique uma analogia entre "o eu da criança e o herói da lenda."⁷³

O eu da criança é o "eu coletivo, o qual é dotado das melhores qualidades"⁷⁴, seu estereótipo, sua família, são comuns nas lendas do herói. O sentimento pelo pai e o abandono são um dos motivos pelos quais o "eu" resplandece. Otto chega à conclusão em seus estudos que:

Pelo fato de utilizar os mesmos símbolos típicos é possível concluir com segurança que o abandono de heróis recém-nascidos em pequenos recipientes, como caixinhas ou cestinhos, assim como o elemento água, nada mais são do que a expressão simbólica do nascimento.⁷⁵

O abandono é o nascimento de um novo herói que, ao lutar pelo seu povo, é admirado e respeitado. Vale a pena pesquisar os mitos que compõem a cultura dos povos, pois nos significados simbólicos transmitidos estão as reações a poderes vigentes, com a finalidade de subverter qualquer poder que oprime e destrói o povo.

O romance familiar é a tentativa de demonstrar os mecanismos

⁶⁹ OTTO, 2015, p. 111.

⁷⁰ OTTO, 2015, p. 93.

⁷¹ OTTO, 2015, p. 126

⁷² OTTO, 2015, p. 93.

⁷³ OTTO, 2015, p. 92.

⁷⁴ OTTO, 2015, p. 93.

⁷⁵ OTTO, 2015, p. 146.

do inconsciente. Nos estudos de Freud fica demonstrado que "essa identidade entre o conteúdo das fantasias históricas dos paranóicos e do mito também se apresenta como satisfação perversa de seus próprios desejos"⁷⁶. Pois é sabido que, "ao próprio mito do nascimento foram esclarecidas, com base em seu caráter paranóico, como desdobramentos da personalidade do pai real e perseguidor".⁷⁷

Portanto, o romance familiar, nas palavras de Rank: "demonstra que a aparente fantasia da criança em estranhar os pais não é outra coisa senão a confirmação de que eles são os seus verdadeiros pais"⁷⁸. O romance familiar veio, desse modo, como tentativa de demonstrar que o reconhecimento que a criança tem dos verdadeiros pais é o sinal que ela dá de recusar ou reconhecer a paternidade.

5. Questionamento da religião monoteísta

Algumas críticas são essenciais para se entender o monoteísmo e seu problema político. A relação deste com as demais religiões é uma relação estreita e com grandes dificuldades. A aceitação da parte do monoteísmo de que cada pessoa tem o direito de se expressar em sua religião, o que, ao longo desse trabalho, demonstra-se uma crítica radical ao monoteísmo. Onde habita o monoteísmo habita também a monolatria, que segundo Haroldo Reimer vem a ser "essa exigência de adoração a uma só divindade em meio a uma pluralidade de deuses [...] chamada de monolatria."⁷⁹

De forma violenta se percebe nos escritos antigos narrativas que tratam do monoteísmo como um único modelo a ser seguido. As doutrinas rígidas e dogmáticas fazem com que seus fiéis discriminem outras religiões, não aceitando um espaço plural:

Assim por exemplo, textos atribuídos ao profeta Oséias, tidos como do século VIII a.c, polemizam contra práticas populares em espaços comunitários como as eiras, onde se realizavam rituais de agradecimento ao Deus Baal[...]frente a isso o profeta, segundo estes textos, coloca a

⁷⁶ OTTO, 2015, p. 146.

⁷⁷ OTTO, 2015, p. 140.

⁷⁸ OTTO, 2015, p. 140.

⁷⁹ REIMER, Haroldo. *Imaginários da divindade: textos e interpretações*. In: REIMER, Ivoni Richter (Org.). Goiânia: UCG, São Leopoldo: Oikos, 2008.

exigência de adoração exclusiva somente a Yahveh e rotula as formas desviantes de "prostituição e "idolatria."⁸⁰

Essas formas "desviantes" dizem respeito às práticas populares dos trabalhadores da época. Oséias é um escritor do Canon Bíblico, onde retrata essa forma de violentar as religiões que não eram monoteístas, trazendo à tona a intolerância religiosa e seus outros aspectos. Portanto, o monoteísmo é a "consolidação oficial de uma ideia teológica transformada em estatuto doutrinário."⁸¹

Esse monoteísmo, que até hoje tem suas marcas, usou de rebeldia para se inserir na sociedade. Como foi visto acima, não foi diferente com o Moisés de Freud. O monoteísmo implantado aos judeus o levou a ser morto, mas a sua morte foi resultado de um ato para a retirar do povo judeu sua própria identidade, como um povo que tinha diversas crenças e religiões. Assim, a prática monoteísta, apoiando-se num deus único e de caráter verídico, pode levar à prática discriminatória em relação às outras religiões.

Considerações finais

A Imagem de Moisés é a imagem do líder que tenta impor uma religião desrespeitando a diversidade religiosa de seu povo. Há possibilidades hermenêuticas ao levar em consideração o preconceito sobre os judeus no séc. XX na Alemanha, onde, tanto Freud quanto sua família eram postos de lado e perseguidos por conta da sua religião judaica. A imagem de Deus é aqui representada pela a imagem paterna e não só uma projeção de nossa existência, como diria Feuerbach. Freud, desse modo, amplia seus estudos de Psicanálise; focando para a sua identidade como judeu, como filho e também como pai.

Referências

BERNSTEIN, J.B. *Freud e o legado de Moisés*. Trad. Laura Rumchinsky, Rio de Janeiro: imago, 2000.

BREUER & FREUD. *Estudos sobre a Histeria* “ (1895) - (1996). Rio

⁸⁰ REIMER, 2008, p.12.

⁸¹ REIMER, Haroldo. *Inefável e sem Forma: Estudos sobre o monoteísmo Hebraico*. São Leopoldo: OIKOS, Goiânia: UCG, 2009.

de Janeiro: Imago. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3099/1/2007_TaisBleicher.pdf>. Acesso em: 23 out. 2016.

BREUER & FREUD. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Em J. Strachey (org. e trad.), Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. (Vol. 7, pp. 128- 229). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1905). Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3099/1/2007_TaisBleicher.pdf>. Acesso em: 23 out. 2016.

FERRARI, Ana Claudia (ed.) Moisés e o Monoteísmo. Trad. Alexandre Masella. *Viver mente&cérebro*, Coleção memória da psicanálise, 2003.

FREUD, Sigmund. *Moisés e o Monoteísmo*. Trad. Maria Aparecida Moraes Rego. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

FREUD, Sigmund. *A interpretação do Sonho*. Viena e Leipzig, 1900.

GAY, Peter. *Freud um Vida Para o Nosso Tempo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

OTTO, Rank. *O mito do nascimento do Herói*. Uma interpretação Psicológica dos mitos. São Paulo: Cienbook,

QUINODOZ, Michel Jean. *Ler Freud. Guia de leitura da obra de S.Freud*. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed. 2007.

REIMER, Haroldo. *Imaginários da divindade: textos e interpretações*. In: REIMER, Ivoni Richter (Org.). Goiânia: UCG, São Leopoldo: Oikos, 2008.

YERUSHALMI. H.J. *O Moisés de Freud: Judaísmo Terminavel e Interminavel*. Ed. Imago.,1992.